



Usar experiências dos cinco continentes para sair da crise na Europa juntou 600 especialistas em Coimbra

## Colóquio. Investigadores põem Europa a aprender com o mundo

Mais de 600 especialistas estão em Coimbra para debater o estado da Europa e perceber o que os países têm a aprender uns com os outros

MARTA CERQUEIRA  
 marta.cerqueira@online.pt

A Europa está esgotada. Este é o ponto de partida para os mais de 600 especialistas e investigadores de todas as partes do mundo que vão estar a partir de hoje em Coimbra, no colóquio "Epistemologias do Sul: aprendizagens globais sul-sul, sul-norte e norte-sul". Durante três dias vão ser apresentadas experiências e debatidas soluções para encontrar um modelo de desenvolvimento europeu, com base no projecto de investigação ALICE, liderado pelo sociólogo Boaventura Sousa Santos, que tem como objectivo perceber o contributo das relações entre Norte e Sul para uma transformação social.

Mais do que uma localização geográfica, o Sul é aqui uma metáfora, explica o coordenador científico do projecto. "São todos os grupos de pessoas que lutam por uma lógica de emancipação. Tanto podem ser emigrantes em Portugal a lutar pelos seus direitos, como um conjunto de países em processo de mudança", explicou a José Manuel Mendes. Apesar de ter a Europa como modelo, o investigador do Centro de Estudos

Sociais da Universidade de Coimbra acredita que há muito para aprender com a experiência de outros continentes. "Desafiamos todos os participantes a pensar o que é que cada um, como representante científico do seu país e do melhor que este terá para oferecer, pode trazer de novo para ajudar a Europa a pensar", acrescentou.

O professor da Universidade de Coimbra não ignora o facto de a Europa ter servido de modelo no que toca a sentido de Estado, mas considera também que isso lhe deu "uma certa arrogância" face ao resto do mundo. "Não é possível ter uma Europa em crescimento caso se mantenha numa redoma, sem uma constante aprendizagem", avisou, acrescentando que as diferenças entre os países devem servir de "potenciador de cidadania, e não de exclusão."

Europa serviu de modelo mas também ganhou "uma certa arrogância" face ao resto do mundo, diz investigador

**COLÓQUIO** Tendo como fio condutor o papel do Estado na sociedade, o colóquio está dividido em quatro temas-base focados nos direitos humanos, democracia, o constitucionalismo transformador e a economia.

As investigações preliminares, que serão aprofundadas durante o colóquio, já permitiram perceber o papel fundamental do Estado para implementar a democracia, tendo em conta que esta só acontece com base numa constituição pluridimensional. Segundo o investigador, o Estado acaba por ser uma força motriz que garante o respeito pela Constituição. "Portugal tem uma Constituição considerada modelo para outros países, mas persistem alguns erros de gestão", defendeu, dando como exemplo a centralização das decisões em Lisboa. "Para que o Estado seja forte, é necessário criar comunidades e, em Portugal, o regional tem pouca força", concluiu.

Sendo esta reflexão científica considerada um ponto intermédio do projecto global, vão ser seleccionados entre 50 e 100 artigos para serem publicados em revistas da especialidade. O resultado final será apresentado em 2016 no Conselho Europeu de Investigação, em Bruxelas.



**Meena Menon**

ACTIVISTA E INVESTIGADORA

Meena Menon é consultora sénior do Indian Action Aid, trabalhando temas como a pobreza urbana, direitos sociais, planeamento urbano, habitação e cidades sustentáveis.



**Arturo Escobar**

ANTROPOLOGISTA

Professor de Antropologia na Universidade da Carolina do Norte, Arturo Escobar trabalhou nos últimos 20 anos com organizações e movimentos sociais afro-colombianos.



**Arzu Merali**

INVESTIGADORA E ACTIVISTA

Arzu Merali é directora da Islamic Human Rights Commission, em Londres, onde trabalha enquanto activista. Como investigadora trabalha ainda em temas como o feminismo islâmico e a comunicação intercultural

Francis Lencina/Reuters